

A MEMÉTICA COMO LINGUAGEM NO TEATRO DO OPRIMIDO

RÉGIS CAETANO RIVEIRO¹; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – regiscaetano.teatrotrabalho@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tejadafabiane@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este artigo é uma breve reflexão sobre a pesquisa desenvolvida a partir da atuação no Projeto de Extensão, Teatro do Oprimido na Comunidade, sobre a possibilidade de usar o conhecimento da memética como conteúdo a ser problematizado nas práticas de Teatro do Oprimido.

O projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) coordenado pela professora Fabiane Tejada da Silveira, teve início em 2010 com a intenção de promover ações junto a comunidades da cidade de Pelotas, fomentando uma poética política utilizando-se das técnicas teatrais sistematizadas por Augusto Boal. Aberto a participação de toda a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) o projeto já contou com mais de 30 alunos colaboradores de vários cursos, sendo em maior parte graduandos do curso Teatro-Licenciatura do qual faço parte.

Desde sua criação o TOCO atuou em vários bairros da cidade, como Navegantes, Dunas, Colônia Z3, entre outros, onde desenvolvemos cursos e oficinas para introduzir o ensino e treinamento da prática teatral, buscando através de diálogos e discussões em rodas de conversa, bem como em relatos escritos ou falados, fazer uma leitura das opressões diversas que ocorrem nas comunidades. As oficinas são direcionadas de forma a priorizar temáticas que condigam com a realidade das pessoas envolvidas, casos em que se sentiram oprimidas, ou que oprimiram alguém. Logo, estes casos são encenados em exercícios e experimentos cênicos, onde a situação de opressão ganha “vida”, oportunizando a intervenção dos participantes para buscar outro desfecho para o caso que está sendo encenado, a partir do seu próprio ponto de vista, e de dentro da cena.

Atualmente o projeto TOCO conta com a colaboração de sete alunos do curso de teatro, e uma aluna do curso de pós-graduação em artes também da UFPel. A atividade do grupo é dividida em dois momentos de trabalho: interno e externo. No momento de trabalho interno o grupo reúne-se uma vez por semana, onde são feitos: planejamentos e avaliações das ações na comunidade; conversas, discussões e seminários de estudos sobre o Teatro do Oprimido (TO); criação e ensaio de cenas. No momento externo o grupo se divide em duplas ou trios para realizar as ações nas comunidades. Hoje o grupo está atuando continuamente em três espaços diferentes: na Rede Emancipa (Movimento Social de Educação Popular) situada no bairro Guabiroba; em um ciclo de formação continuada para professoras das séries iniciais das escolas estaduais de Pelotas (5ªCRE); e no Centro de Referência da Juventude na cidade de Capão do Leão. Além de participar ocasionalmente de eventos como congressos e semanas acadêmicas.

O teatro fórum é uma das seis principais técnicas do TO, organizadas por Augusto Boal, que podem ser encontradas em seus livros e escritos, em grande parte no livro *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas* (BOAL, 1975). Para Boal, “O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos



todos espect-atores” (BOAL, 1998). Ao cunhar o termo espect-ator Boal não só causa um grande reboiço no meio do teatro profissional – elitizado, ou por assim dizer, monopolizado pela elite – como também possibilita uma outra forma de olhar para o fazer teatral, rompendo de vez com os limites entre a cena e a realidade, onde espectadores tomam a posição do protagonista (oprimido) no palco, para que possa agir em seu lugar, alterando a realidade apresentada inicialmente na cena. “As intervenções de cada *espect-ator* valem não só pelo que dizem, mas pela voz com que o dizem; não só pelo fazer, mas pela forma de fazê-lo” (BOAL, 2009). Pois cada espect-ator terá a sua própria forma, particular, pessoal e intransferível, de agir e falar.

Augusto Boal foi um homem inquieto, preocupado com as desigualdades, as mazelas que sofrem as classes chamadas de “inferiores”, e estimulado pelo movimento de libertação, revolucionou a forma de se olhar para o teatro, para as artes em geral, e para a estética. Mas o grande teatrólogo brasileiro não parou por aí, e se arriscou também a sugerir hipóteses no campo da neurociência. Ao cunhar o termo “coroas neurais refratárias”, Boal indica que existem aglomerados de neurônios responsáveis por comportamentos específicos, que estimulados pela repetição tornam-se “quase” indestrutíveis (BOAL, 2009), fazendo com que seu portador assuma uma conduta limitada, intransigente e muitas vezes preconceituosa ou discriminatória.

Não sabemos até que ponto a ciência pesquisou a existência das supostas “coroas refratárias”, que por tratar-se de um fenômeno mental enfrenta muitas complicações tanto para observação científica, quanto para sua comprovação. Atualmente o campo de estudo da fenomenologia da mente tem avançado significativamente, seja pelos progressos tecnológicos que permitem uma melhor observação do funcionamento do cérebro, ou então pela crescente necessidade de autoconhecimento que muitas pessoas sentem, novas pesquisas e especulações tem surgido. Dentre eles o estudo acerca do campo da memética, do qual venho pesquisando de forma relacionada ao TO.

A memética é um campo científico ainda pouco reconhecido, que estuda os memes, e que surgiu a partir de 1976, quando o etólogo e zoólogo evolutivo Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta* cunhou o termo meme, como “a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 1976). Essas unidades se auto replicam, competem por espaço, e também sofre mutações ou podem ser extintas, ou seja, estão sujeitas a evolução. Segundo ele “Exemplos de memes são melodias, ideias, “slogans”, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos.” É importante ressaltar que os memes ao qual me refiro neste artigo, apesar de uma forte semelhança à primeira vista, não são os chamados “memes de internet”.

Atualmente nas redes sociais (facebook é o melhor exemplo) as pessoas adquiriram o hábito de compartilhar posts com dizeres, gifs, vídeos ou fotos, entre outros, que por grande fluxo de compartilhamento acabam tornando-se virais. Mas notem que em 1976 quando Dawkins explanou sobre os memes não existiam redes sociais para viralização de conteúdo. Paradoxalmente, o próprio comportamento de compartilhar posts na internet, uma característica cultural dos nossos tempos, pode ser considerado um meme.

A psicóloga e escritora Susan Blackmore, considerada a maior defensora da memética, foi quem deu a definição mais usada para explicar o meme, conforme afirma em seu livro *The Memes Machine*: “memes são instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas

adiante por imitação” (BLACKMORE, 1999). Estas instruções, ou memes, necessitam, além de um espaço físico para serem armazenados, de uma linguagem para serem transmitidos, ou seja, sons, imagens ou palavras.

No sistema do TO organizado por Boal, conforme pode se observar na “Árvore do TO” (esquema ilustrado do sistema, que pode ser encontrado no site do Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro), baseasse no uso de jogos teatrais (caule da árvore) como preparação dos espect-atores para realização de suas técnicas (galhos ou ramificações). Os jogos teatrais, que são o cerne do Teatro do Oprimido, se utilizam das formas de linguagem como conteúdo: som, imagem e palavra (raízes da árvore). O objetivo destes jogos, é fazer com que o praticante do TO reaprenda ou readquira a capacidade de utilizar essas linguagens, que segundo Boal foram monopolizadas por uma pequena elite dominante, deixando para a maioria da população apenas formas incompletas e inacabadas da linguagem, ou sub-linguagens, promovidas principalmente pelos meios massificantes de comunicação, assim como pela moda, mídia, religiões, entre outros.

O objetivo da pesquisa, é defender a ideia de que os memes devem ocupar um espaço no conceito do Teatro do Oprimido como uma de suas raízes. Ao lado de som imagem e palavra, o meme: uma unidade de informação, ou instrução para realizar comportamento, que são transmitidas por imitação e evoluem dentro de uma cultura.

2. DESENVOLVIMENTO

Para elaboração deste trabalho, realizei primeiramente uma pesquisa teórica sobre a memética, analisando textos e escritos de seus principais autores. E numa segunda fase, ainda em andamento, inventarei jogos teatrais em que os memes sejam o “objeto” em foco. Esses jogos serão aplicados em oficinas de TO que realize no projeto de extensão TOCO, inicialmente no Centro de Referência da Juventude (CRJ) em Capão do Leão, para uma turma de 12 jovens entre 12 e 25 anos, onde o jogo abaixo descrito foi realizado como um primeiro experimento.

Exemplo de jogo: duas filas de atores, uma das filas definira um meme de uma lista prévia, supomos que fosse “quem não acredita em Deus não vai para céu”, essa fila repetirá o meme podendo inclusive buscar variações dele, desde que o sentido fosse mantido (sentido de exclusão daquele que não crê em Deus), enquanto isso a outra fila buscará argumentos para combater este meme. Depois repete-se o processo invertendo os papéis, e em seguida, sugerindo variações que alterassem o sentido, como “todos vão para o céu”, “ninguém vai para o céu”, etc.

O jogo pode ser feito usando qualquer meme que denote sentido de exclusão, preconceito, discriminação ou opressão. O objetivo principal é conscientizar sobre os memes indesejáveis, e em segundo plano, analisar a variabilidade de argumentos que surgirão para combatê-los.

3. RESULTADOS

A aplicação deste jogo foi feita no quinto dia de oficina de TO realizada no CRJ, que acontecem semanalmente todas as sextas-feiras entre às 15:00 e 17:00 horas. Antes de começar foi feita uma breve explicação introdutória sobre o que são memes. Inicialmente usamos o meme que eu sugeri, e em repetições futuras serão usados memes que os participantes tragam como sugestão, que eles próprios identifiquem como um meme existente à ser problematizado.

A proposta foi bem aceita pelo grupo, que teve facilidade na sua compreensão e aplicação, e como a maioria dos jogos de livre expressão, sucitou energia e empolgação, além de gerar boas observações na roda de conversa avaliativa feita após a atividade.,

Houve relatos de dificuldade quando os participantes estavam na fila que repetia o meme, e também de como ficavam mais a vontade quando estavam na fila que criava argumentos contrários. Um participante relatou que teve um sentimento de liberdade enquanto fazia a atividade, e outro observou que durante o jogo, quando ia dizer seu argumento, quase que involuntariamente, acabava repetindo trechos ou ideias dos argumentos que escutava dos colegas, apontando acertadamente que este é o princípio da memética, que pode ser observado durante a atividade.

4. AVALIAÇÃO

A memética é uma ciência relativamente nova, e é difícil dizer se levará a desdobramentos nos campos de estudo da fenomenologia como a psicologia ou a neurociência, e no que implicariam. Mas como conteúdo a ser problematizado no TO, acredito que é uma ferramenta de grande utilidade.

Augusto Boal acreditava que verdades impostas pela sociedade (que muitas vezes são falsas verdades), dogmas, doutrinações e crenças limitantes, tolhem as pessoas, tornando-as menos sensíveis, intolerantes, excludentes ou preconceituosas. Pode se dizer que elas adquiriram “coroas neurais refratárias.

Se as “coroas” existem, elas devem ser em grande parte causadas e/ou formadas pelos memes (ou por um só meme específico), e ao mesmo tempo funcionam como propagadoras de memes (ideias ou comportamentos) ao qual estão atreladas.

Dawkins nos deixa uma reflexão, que apesar de sermos uma espécie que evoluiu à partir de processos dos genes (que tem “comportamento” sempre egoísta a nível molecular) temos tendência ao egoísmo, mas ao mesmo tempo, somos os únicos seres vivos com a “capacidade de altruísmo desinteressado, genuíno e verdadeiro.” (DAWKINS, 1976). Capacidade esta que deve ser estimulada.

Os autores que defendem a memética, dizem que ela como ciência deve ser neutra, sem julgar os memes como bons, ruins, úteis ou indesejáveis. Mas em minha visão, dentro do Teatro do Oprimido, este conhecimento poderá agregar valores ao seu propósito: transformar consciências ingênuas, em consciências críticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. P. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005. Edição revista.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DAWKINS, C. R. **O gene egoísta**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

BLACKMORE, S. J. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro. Acessado em 05 de out. de 2017. Online. Disponível em: www.ctorio.org.br